

John McEnroe: O Domínio da Perfeição

um filme de Julien Faraut

John McEnroe: In the Realm of Perfection | 2018 | Documentário | 1h35 | M/12

Festival de Berlim – Forum | LEFFEST – Lisbon & Sintra Film Festival – Grande Prémio do Júri – João Bénard da Costa

Um documentário sobre a final de 1984 do Open de França entre John McEnroe e Ivan Lendl, quando McEnroe era o melhor jogador do mundo. Através de filmes de arquivo de 16 mm das suas actuações no estádio de Roland Garros, Faraut revela tanto a atenção de McEnroe ao desporto em si como às próprias filmagens, criando um retrato vivo e imersivo de um atleta motivado. Este é um estudo sobre ténis, sobre o corpo humano e o movimento e, em última análise, sobre como tudo isto se conecta com o próprio cinema.

«“le cinéma ment, pas le sport”
(o cinema mente, o desporto não).»

Jean-Luc Godard

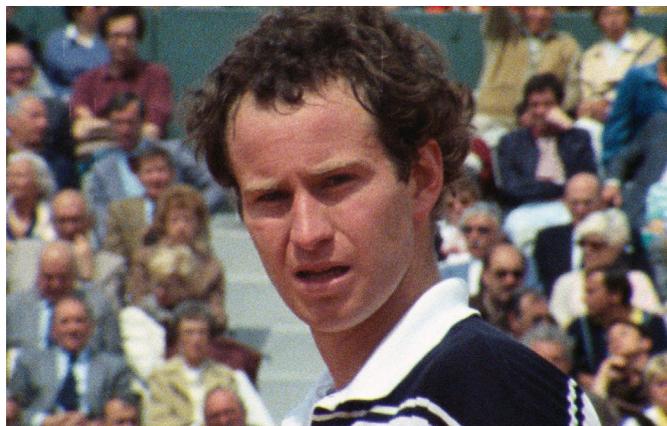
Entrevista a Julien Faraut

por Luís Miguel Oliveira, *Ípsilon* (excertos)

Eis algo que é, feitas as contas, relativamente raro: um grande filme sobre desporto. “John McEnroe - o Domínio da Perfeição” é, como o título indica, um filme sobre um tenista em particular, sobre o seu jogo e sobre a sua personalidade em jogo, sobre um momento bastante dramático da sua carreira desportiva (a derrota na final de Roland Garros em 1984, contra Ivan Lendl, que o impediu de conquistar o “grand slam” no ano mais dominador da sua carreira - “foi o seu melhor ano e o seu pior ano”, como diz o realizador, Julien Faraut). **Ao mesmo tempo, e sem perder este centro, é muito mais do que apenas sobre McEnroe:** é sobre o ténis; é sobre a transformação do ténis, nesses anos 80, em grande espectáculo televisivo e massificado; **é sobre o diálogo entre o que se passa no terreno de jogo e o que se passa fora dele, como um “campo” e um “fora de campo”** (portanto, sobre cinema); **é sobre a maneira de filmar o ténis, sobre a maneira de usar imagens de arquivo, sobre a raiz científica que conduziu à invenção da imagem cinematográfica** (e portanto, mais três vezes, ainda sobre cinema).

[...]

Há um outro nome que é preciso referir, e que está na base da maior parte do material usado em “McEnroe”. É um cineasta, mas praticamente desconhecido no meio do cinema: Gil de Kermadec. Kermadec, funcionário da Federação Francesa de Ténis e ex-jogador, dirigiu durante anos a secção educativa da Federação. O seu trabalho era filmar os grandes jogadores mundiais em acção, para que os seus movimentos pudessem ser estudados pelos aprendizes de tenistas. “McEnroe” nasceu do contacto de Faraut (ele próprio arquivista, responsável pela cinemateca do Instituto Francês do Desporto) com as infundáveis bobinas filmadas por Kermadec ao longo de décadas, e que nunca tinham sido montadas. “O meu primeiro grande choque”, conta-nos Faraut, “foi ver o ténis filmado em película de 16mm”. Especialmente aquele ténis, o ténis dos anos 80, que conhecemos primordialmente pelas imagens da televisão e como espectáculo televisivo. Ver esta “modernidade” embebida do arcaísmo dos 16mm, com todo o grão e textura muito específicos, em enquadramentos que não davam a totalidade do jogo mas se focavam minutos a fio no mesmo tenista (porque



Kermadec não queria filmar “o jogo”, queria filmar o trabalho dos tenistas), criou em Faraut uma sensação de pasmo e de “ambiguidade”: “o que é isto?, perguntei-me, é realidade, é encenação, é ficção? Foi esta dobra que me impeliu a trabalhar aquele arquivo, e fixei-me em McEnroe por duas razões: primeiro porque havia uma colecção enorme de imagens com ele, depois porque McEnroe encarnava perfeitamente a dobra ‘realidade/ficção’, pela sua persona pública e pela sua maneira de estar nos courts, que nunca deixava perceber claramente se estava a ‘representar’ ou a ser genuíno”.

[...]

É um dos momentos mais extraordinários do filme, a revelação de que os courts de Roland Garros estão construídos no lugar onde se situava o estúdio de Étienne-Jules Marey, um dos principais precursores da imagem cinematográfica, e que nesse estúdio inventou uma forma de fotografar e decompor os movimentos de seres humanos e de animais – a curiosidade científica como raiz do cinema, a mesma curiosidade científica (“primitiva, no melhor sentido do termo”, diz Faraut) que movia Kermadec – e isso está em pleno em “McEnroe”, o fascínio pelo ralenti, pela percepção do movimento detalhado e decomposto numa forma inatingível ao olho nu: é um “estudo sobre o movimento” escorado noutros estudos sobre o movimento.

[...]

McEnroe, com quem Faraut nunca falou. “Todos os contactos foram feitos com o agente, que é o mesmo desde há trinta e tal anos, e foi muito estranho, porque está habituado a ser contactado por grandes empresas, para fins publicitários, não pela equipa de um pequeno filme francês”. Depois das primeiras exhibições do filme, Faraut recebeu um email do agente: “he liked it” (“ele gostou”). “Só isto”, o realizador nem soube bem o que pensar. Mas depois, indirectamente, teve uma reacção mais eloquente: soube que, quando o filme foi mostrado em Nova Iorque, o agente requisitou diversos bilhetes para a família e para os amigos de McEnroe. “Aí, percebi: ele gostou mesmo”.



«A nossa memória guarda todo o tipo de coisas, até a informação de que Artur Jorge (ex-jogador de futebol, treinador e seleccionador nacional) não gostava de ver futebol na televisão com o som ligado. Então tirava o som e substituí-a por música clássica. Julien Faraut usa o mesmo procedimento a dada altura neste *L'empire de la perfection*, e a opção justifica-se porque John McEnroe se via a si próprio no campo de ténis como Tom Hulce no papel de Mozart filmado por Milos Forman. Uma beleza: a música do prodígio de Salzburgo por cima do jogo do norte-americano, que muitos não saberão ter nascido em Wiesbaden, na Alemanha. O filme de Faraut não é experimental ao ponto de se tornar frio e doseia este tipo de intervenções para potenciar a estética do jogo de ténis e o carácter de um indivíduo que no campo antagonizava os demais para galvanizar-se a cada nova tentativa de superação. Não apenas uma curiosidade, *L'empire de la perfection* é uma bela surpresa.»

Ricardo Gross, *À Pala de Walsh*



«[...] O ténis é elevado à categoria de arte, o seu movimento exterior é belo porque o desenho dos seus gestos possui reminiscências do cinema: o silêncio extremo; o jogador bate a bola no chão; levanta o seu braço esticado e com uma enorme subtilidade desprende a bola dos seus dedos para que ela suba numa trajectória rectilínea; o braço, agora esticado, faz da mão uma mira; o seu corpo engatilhado aguarda a altura ideal para atacar a bola; o seu corpo dispara; o corpo reduz-se a um braço sedento de bola, que se acha capaz de alcançar o sol; ouve-se o som que anuncia uma nova contagem do tempo; os pés deixam o solo; as pernas levantam voo e o corpo torna-se agora uma cauda desgovernada da raquete.»

Cláudio Azevedo, *Cinema 7ª Arte*



«[...] não há nada que se compare a ver o próprio John McEnroe, a cores, na textura das imagens de 16mm que agora nos chegam - e este é apenas um dos méritos do documentário de Julien Faraut, que nos faz olhar para o corpo do tenista como um "teatro do absurdo" que esconde uma "técnica sublime". As expressões, muito adequadas aqui, são do crítico de cinema Serge Daney, cujos escritos sobre ténis são citados algumas vezes ao longo do filme.

John McEnroe: O Domínio da Perfeição foca-se na personalidade vibrante e colérica do tenista em jogo, na sua relação com a imagem e, particularmente, no ano de 1984, quando estava no topo da carreira e perdeu a final do Torneio de Roland Garros para Ivan Lendl. Mas mais do que um retrato "naturalista" do génio de McEnroe, o que nasce desta montagem dinâmica de materiais de registo é um imersivo, inteligente e espirituoso ensaio documental que reflete sobre o desporto a partir do cinema e vice-versa. Teoria e prática. Psicologia e movimento.»

Inês N. Lourenço, *DN*